

João Cabral de Melo Neto: um vaso poético para sublimação

João Cabral de Melo Neto: a poetic vessel for sublimation

João Cabral de Melo Neto: un florero poético para la sublimación

João Cabral de Melo Neto: un récipient poétique pour la sublimation

RENATA QUIROGA

Este artigo pretende analisar a forma que o sujeito se posiciona frente ao vazio de *das Ding*, ou da Coisa. Para tal, foi utilizado o poema de João Cabral de Melo Neto, *Psicologia da composição*, no qual o autor descreve a mecânica da construção poética, utilizando diversas metáforas do vazio. Na obra, o poeta também aloca a abertura à confecção de novos poemas como lugar de constante produção artística. A articulação do poema, que aponta para o lugar potente do vazio, possibilitará uma reflexão sobre a função da sublimação para o sujeito diante de *das Ding*.

Palavras-chave: João Cabral de Melo Neto. Poesia. Psicanálise. Sublimação.

Introdução

Nascido em Recife no ano de 1920, João Cabral de Melo Neto foi um escritor e diplomata que, através de suas marcantes rimas toantes, inaugurou outra maneira de fazer poesia no Brasil. Ao dessacralizar a chamada ‘poesia profunda’, o autor rompeu com a abordagem introspectiva e dirigiu seus versos ao intelecto em lugar de destiná-los às emoções.

Sua produção poética percorreu as gerações entre 1940 e 1990, e teve como uma de suas principais características o cuidado com a criação artística, por entender que esta deveria ser produto de um trabalho árduo na confecção de sua forma estética (SECCHIN, 2020).

Membro da Academia Brasileira de Letras (ABL), João Cabral atraiu diversos críticos literários de notória atuação no cenário das Letras a se debruçarem sobre sua obra. A exemplo de Antonio Carlos Secchin, escritor também membro da ABL, que dedicou em torno de 35 anos de sua carreira à elaboração de estudos sobre a poética antilírica de João Cabral.

Em 2020, Secchin com a colaboração de Edneia Ribeiro, organizou uma edição comemorativa ao centenário do autor, intitulada *Poesia completa* (MELO NETO, 2020) e outro título de sua autoria também bastante importante, *João Cabral de ponta a ponta* (SECCHIN, 2020).

Tanto interesse despertado pela poesia cabralina deve-se também a sua descomunal expressão poética dirigida à comunicação aliada ao rigor plástico com que lapidava seus poemas até a forma mais sofisticada de apresentação.

Cortava a poesia com a faca só lâmina de sua extraordinária força vocabular, criando impactos ao mesmo tempo plásticos e fundamentais. Nunca usava o enfeite como complemento da essência, tudo nele era inaugural, primeiro, único (CONY, 2020).

Conhecido como ‘poeta engenheiro’, João Cabral de fato calculava e esculpia seus poemas sob o desenho da objetividade com vistas a traduzir, exclusivamente, o real. Inserido no ambiente literário da geração de 1945, o poeta seguiu caminho próprio ao se distanciar do verso subjetivo, carregado de sentimentalidade e irracionalidade, herdados do romantismo.

Sua obra apresenta de todo uma preocupação com o concreto e com a métrica do poema. Contudo, a publicação mais consagrada, *Morte e vida severina* (1966), assinala sua unidade de escrita que, além de harmonizar forma e conteúdo, expõe as fraturas de uma questão do coletivo para abordar as mazelas da desigualdade social.

Além do estilo poema/denúncia que se dirige ao concretismo e à aspereza das distintas condições de vida dos grupos sociais, o autor também apresenta em sua obra a hipótese crítica de Secchin que seria a “poesia do menos”. Segundo o crítico (2020), João Cabral criava uma perspectiva de desconfiança diante do signo linguístico, ou seja, o signo teria a função de transbordar significado.

Ao subverter a ideia de sentimentalismo e evocações emotivas, para a simples expressão do real, a “poesia do menos” de Cabral subtraía da palavra os elementos excessivos e se inscrevia no avesso, na torção e no contraponto (SECCHIN, 2020).

O movimento de velar e desvelar, apresentar e retirar, assim como realizar a operação matemática de subtração suscita a análise dos poemas de João Cabral de Melo Neto. Tal apreciação se desenvolve pela via da articulação com o conceito do vazio ao objeto dentro da teoria psicanalítica.

A palavra esvaziada de significado

A terceira fase modernista da literatura brasileira já apresentou algumas mudanças desde o início do Movimento de Arte Moderna de 1922. Tais transformações ocorreram tanto em relação à busca de nova expressão literária, quanto aos cuidados com a estética e processos linguísticos.

Enquanto Clarice Lispector utilizava sua obra na escavação de temas relacionados ao humano, Guimarães Rosa e João Cabral de Melo Neto apuravam a palavra e a acuidade de sua forma.

Entre tantas declarações que João Cabral fez acerca da fisionomia de sua criação artística, a ideia nuclear que ele transmitiu foi de que uma fruta lhe era bem mais interessante do que a própria melancolia (SECCHIN, 2020). Ou seja, para ele importava mais a representatividade de uma maçã do que a investigação de um sentimento já tão explorado por correntes literárias que o precederam. Contudo, não seria possível desprover o fruto de alguma emoção, uma vez que os objetos estão sempre a serviço de explicitar o que pode ser chamado de estado de espírito do poeta.

Nesse sentido, cabe a investigação sobre a nitidez do objeto pela impossibilidade de determinar o seu interior. Ainda que o desfolhamento do mesmo ocorra de modo profundo, sempre haverá o ponto impenetrável, bem-preservedo pelo jogo da fantasia.

Essa perspectiva de análise começa a abrir caminhos para o surgimento da sublimação como um dos destinos pulsionais operadores da atividade artística.

Haverá, portanto, sempre algo de inacessível e inatingível em qualquer matéria e talvez seja a vontade de transformar a sua opacidade e objetividade “em matéria estética, sensível e transparente” [...] que anima a criação estética, seja ela de que natureza for (ALHINHO, 2018, p. 16, grifos da autora).

Se Cabral desincha a palavra de significado na sua “poesia do menos” (SECCHIN, 2020), ele pode pretender, justamente, recheiar de sentido a borda do poema pela perspectiva do estado de potência contido no vazio.

O próprio autor já carrega um certo paradoxo em sua visibilidade. É conhecido e desconhecido ao mesmo tempo: se *Morte e vida severina* é um clássico de grande notoriedade, o resto de sua obra, ainda que robusta, é cercada por algum anonimato.

Para observação de Cabral pelo viés da teoria psicanalítica, a escolha pelo poema *Psicologia da composição*, publicado no livro com mesmo título em 1947, se dá por sua expressividade, caminhos de curiosas associações e o pertinente espessamento do vazio.

Psicologia da composição

1.
Saio de meu poema
como quem lava as mãos.

Algumas conchas tornaram-se,
que o sol da atenção
cristalizou; alguma palavra
que desabrochei, como a um pássaro.

Talvez alguma concha
dessas (ou pássaro) lembre,
côncava, o corpo do gesto
extinto que o ar já preencheu;

talvez, como a camisa
vazia, que despi.

2.

Esta folha branca
me proscreeve o sonho,
me incita ao verso
nítido e preciso.

Eu me refugio
nesta praia pura
onde nada existe
em que a noite pouse.

Como não há noite
cessa toda fonte;
como não há fonte
cessa toda fuga;

como não há fuga
nada lembra o fluir
de meu tempo, ao vento
que nele sopra o tempo.

3.

Neste papel
pode teu sal
virar cinza;

pode o limão
virar pedra;
o sol da pele,
o trigo do corpo
virar cinza.

(Teme, por isso,
a jovem manhã
sobre as flores
da véspera.)

Neste papel
logo fenecem
as roxas, mornas

flores morais;
todas as fluidas
flores da pressa;
todas as úmidas
flores do sonho.

(Espera, por isso,
que a jovem manhã
te venha revelar
as flores da véspera.)

4.
O poema, com seus cavalos,
quer explodir
teu tempo claro; rompendo
seu branco fio, seu cimento
mudo e fresco.

(O descuido ficara aberto
de par em par;
um sonho passou, deixando
fiapos, logo árvores instantâneas
coagulando a preguiça.)

5.
Vivo com certas palavras,
abelhas domésticas.

Do dia aberto
(branco guarda-sol)
esses lúcidos fusos retiram
o fio de mel
(do dia que abriu
também como flor)

que na noite
(poço onde vai tombar
a aérea flor)
persistirá: louro
sabor, e ácido
contra o açúcar do podre.

6.
Não a forma encontrada
como uma concha, perdida
nos frouxos areais
como cabelos;

não a forma obtida
em lance santo ou raro,
tiro nas lebres de vidro
do invisível;

mas a forma atingida
como a ponta do novelo
que a atenção, lenta,
desenrola,

aranha; como o mais extremo
desse fio frágil, que se rompe
ao peso, sempre, das mãos
enormes.

7.
É mineral o papel
onde escrever
o verso; o verso
que é possível não fazer.

São minerais
as flores e as plantas,
as frutas, os bichos
quando em estado de palavra.

É mineral
a linha do horizonte,
nossos nomes, essas coisas
feitas de palavras.

É mineral, por fim,
qualquer livro:
que é mineral a palavra
escrita, a fria natureza

da palavra escrita.

8.
Cultivar o deserto
como um pomar às avessas.

(A árvore destila
a terra, gota a gota;
a terra completa
caiu, fruto!

Enquanto na ordem
de outro pomar
a atenção destila
palavras maduras.)

Cultivar o deserto
como um pomar às avessas:

então, nada mais
destila; evapora;
onde foi maçã
resta uma fome;

onde foi palavra
(potros ou touros
contidos) resta a severa
forma do vazio.

(MELO NETO, 2020, p. 95.)

O vazio repleto de palavra

A análise do poema de João Cabral não se propõe a esquadrihar de forma técnica sob o ponto da crítica literária, nem tampouco destina-se a tecer comentários a partir da teoria psicanalítica. Porém, os jogos de palavras apresentados no poema *Psicologia da composição* (1947) remetem à construção teórica de Jacques Lacan sobre o vaso e o vazio, permitindo a essa análise a continuidade pelo caminho que chega ao lugar da sublimação na produção artística.

Lacan considerou o vaso como o significante primordial a ser manuseado pelo ser humano, a partir do qual foi criado o vazio. Nesta perspectiva, Lacan faz a distinção entre as duas possibilidades e destinos do vazio. A exemplo do pote de mostarda cheio como um mero utensílio, ou quando este se torna vazio e adquire a significação de pote de mostarda capaz de manter seu valor somente em uma estante de colecionador.

Citando Lacan (1959-60/1997, p. 152), Lucero & Vorcaro refletem sobre o vazio: “O vazio criado pelo vaso introduz a possibilidade de preenchê-lo, de dar-lhe significado: ‘É a partir desse significante modelado que é o vaso, que o vazio e o pleno entram como tais no mundo’” (LUCERO; VORCARO, 2013).

João Cabral, diante de sua maneira concreta de expressão poética, envia ao leitor a ideia da construção de um poema em si mesmo, em seus detalhes necessários e caros à sua elaboração. Pode-se retirar de seus versos-referências do vazio: ele começa dizendo que sai do poema após ter entrado; fala da concavidade da concha depois do desabrochar do pássaro; da camisa vazia e despida; da folha branca que incita o verso; da praia pura

onde nada existe; da inexistência da noite que cessa a fonte, que cessa a fuga; das cinzas que viram flores, mesmo que por um dia.

Assim, ele segue todo o poema até a parte final em que cita: “[...] Cultivar o deserto como um pomar às avessas [...]” / “[...] onde foi maçã resta uma fome [...]” / “[...] onde foi palavra [...] resta a severa forma do vazio [...]”.

Retomando a ideia lacaniana de que “a sublimação eleva um objeto à dignidade da coisa” (LACAN, 1915/2007), é possível o entendimento que *das Ding* ou a Coisa seja mantido(a) pela experiência de satisfação no lugar do irrepresentável. Essa ideia que remete *das Ding* ao espaço da falta, ao vazio, contribui para articulação do poema com a teoria do vazio. João Cabral além de evocar vãos abertos em seus versos os coloca em espaço de circulação para a confecção de novos poemas ao fim de cada um que escrev(i)a.

A sublimação que foi reconhecida como um dos destinos da pulsão para Freud, ou seja, dirigia-se a alvos não sexuais e, sim, objetos da cultura e atividades laborais, entra nessa conjugação da poética cabralina. Dessa forma, João Cabral parece mostrar ser a poesia em estado de transitoriedade, exposta em constantes folhas brancas. A borda desenhada pelo poeta para, segundo Lacan (1959-60/1997), utilizar a arte para circundar *das Ding* na recriação do objeto.

Considerações finais

Na construção lacaniana da sublimação, o objeto adquire grande importância. Na arte, este não apresenta condição apreensível de sua cadeia significante e, portanto, presentifica a falta de *das Ding*.

Através das análises do *amor cortês*, Lacan (1959-60/1997) aponta para este poema como um exemplar de sublimação da arte, pois nele o poeta descreve precisamente as relações de objeto ao mostrar o desejo como inatingível, restando a sublimação para pô-lo diante da demanda impossível, ou seja, seguir demandando frente à privação do real.

O poema *Psicologia da composição* fornece um material significativo para significar o vaso poético e seu vazio sublimatório. Assim, pode ser possível, pela via da sublimação, erigir o objeto explícito de opacidade no lugar de *das Ding*, ou seja, a arte como processo de elevar um objeto à dignidade da coisa.

Referências

- ALHINHO, Glória. A explosão da flor: o exercício poético em João Cabral de Melo Neto. **Navegações**, v. 11, n. 1, p. 15-22, jan.-jun. 2018. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/view/33013>. Acesso em: 20 jan. 2022.
- CONY, Carlos Heitor. Estrofes construía[m] catedrais. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 11 de outubro de 1999, Ilustrada. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1110199927.htm>. Acesso em: 20 jan. 2022.
- FREUD, Sigmund. (1915) **Pulsiones y destinos de púlsion**, v. XIV, p. 105-34, 2007.
- LACAN, Jacques. (1959-60) **O seminário, livro 7: a ética da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- LUCERO, Ariana; VORCARO, Ângela. Do vazio ao objeto: das ding e a sublimação em Jacques Lacan. **Ágora**, n. 16, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-14982013000300003>. Acesso em: 20 jan. 2022.
- MELO NETO, João Cabral de. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.
- MELO NETO, João Cabral de. **Morte e vida severina e outros poemas em voz alta**. 12. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.
- MELO NETO, João Cabral de. **Poesia completa**. Organização, estabelecimento de texto, prefácio e notas: Antonio Carlos Secchin; com a colaboração de Edneia R. Ribeiro. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2020.
- NUNES, Maria Leonor. Carlos Vidal – Libertar a pintura do visível. **Jornal de Letras**, n. 1.181, p. 20-22, jan. 2016.
- SECCHIN, Antonio Carlos. **João Cabral de ponta a ponta**. Rio de Janeiro: CEPE, 2020.

ABSTRACT

This article intends to analyse, through sublimation, the way in which the subject positions himself in front of the emptiness of *das Ding*, or of the Thing. To this end, a poem by João Cabral de Melo Neto: *Psicologia da composição* [*Psychology of*

composition] was used, in which the author describes the mechanics of poetic construction, using various metaphors of emptiness. In the work, there is the author also allocates the openness to the creation of new poems as a place of constant artistic production.

Keywords: João Cabral de Melo Neto. Poetry. Psychoanalysis. Sublimation.

RESUMEN

Este artículo pretende analizar el modo en que el sujeto se posiciona ante el vacío de *das Ding*, o la Cosa. Para ello, se utilizó el poema de João Cabral de Melo Neto, *Psicologia da composição* [*Psicología de la composición*], en el que el autor describe la mecánica de la construcción poética, utilizando varias metáforas del vacío. En la obra, el poeta también asigna la apertura a la realización de nuevos poemas como lugar de producción artística constante. La articulación del poema, que apunta al potente lugar del vacío, permitirá reflexionar sobre la función de la sublimación para el sujeto ante *das Ding*.

Palabras clave: João Cabral de Melo Neto. Poesía. Psicoanálisis. Sublimación.

RÉSUMÉ

Cet article vise à analyser la manière dont le sujet se positionne face au vide de *das Ding*, ou la Chose. Pour cela, il a été utilisé le poème de João Cabral de Melo Neto, *Psicologia da composição* [*Psychologie de la composition*], dans lequel l'auteur décrit la mécanique de la construction poétique, en utilisant plusieurs métaphores du vide. Dans l'oeuvre, le poète attribue également l'ouverture à la création de nouveaux poèmes comme lieu de production artistique constante. L'articulation du poème, qui pointe vers le lieu puissant du vide, permettra une réflexion sur la fonction de sublimation pour le sujet avant *das Ding*.

Mots clés: João Cabral de Melo Neto. La poésie. La psychanalyse. Sublimation.

RENATA QUIROGA

Psicanalista.

Escritora.

Mestranda em Literatura e Psicanálise pela Universidade Veiga de Almeida – UVA.

Graduada em Psicologia pela Universidade Estácio de Sá
Formação em Psicanálise pela Escola Paulista de Psicanálise.
Coordenadora do Serviço Voluntariado Psicologia e Psicanálise (PSFP).
Colunista no editorial Observatório de Comunicação Institucional (OCI).
Organizadora e coautora da coletânea *Psicanálise de brasileiro – Volume 2*.
Autora de *Hipóteses de uma hipótese* (1º lugar no concurso de poesia e fotografia da Fundação Educacional e Cultural de Caraguatatuba, 2021), *Escutador sem rimador e Noite dos poetas* (In: Mulheres a uma só voz. Lisboa: In-Finita, 2021).
rrequiroga@gmail.com
Orcid: 0000-0002-7863-9993

Citação:

QUIROGA, Renata. João Cabral de Melo Neto: um vaso poético para sublimação.
Psicanálise & Barroco em Revista, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, dez. 2022.

Submetido: 10.12.2022 / Aceito: 29.12.2022

COPYRIGHT

Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio para propósitos não-comerciais, desde que o autor e a fonte sejam citados / This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium for non-commercial purposes provided the original authors and sources are credited.

